

---

---

**BEBÊS E MUSEUS**

---

---

**DE ARTE: ACOLHENDO**

---

---

**DESCOBERTAS\***

---

---

Cristina Carvalho\*\*  
Maria Emília Tagliari Santos Correio\*\*\*

*Resumo: a oferta de ações educativas em museus voltadas para bebês provoca a necessidade de estudos que busquem compreender tais ações, contribuindo para a constituição de práticas significativas. A partir dessas atividades, o artigo apresenta uma reflexão sobre a relação entre arte e primeira infância. O texto foi orientado por teóricos que valorizam o aspecto cultural no desenvolvimento infantil, em especial por Rinaldi e Vecchi. Foram utilizados documentos das instituições, como registros fotográficos e artigos, além de observações de algumas atividades. Buscou-se identificar caminhos que podem estimular a extensão do acolhimento ao público de zero a três anos nas instituições culturais.*

Palavras-chave: *Arte. Educação em Museus. Bebês.*

**E**sta pesquisa foi desenvolvida com o financiamento da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ) e da Pontifícia Universidade Católica (PUC-Rio), Brasil.

---

\* Recebido em: nov. 2016. Aprovado em: jul. 2017.

\*\* Doutora em Educação pela PUC-Rio. Professora do Programa de Pós-Graduação do Departamento de Educação da PUC-Rio. Coordenadora do Grupo de Pesquisa em Educação, Museu, Cultura e Infância (GPEMCI) e do Curso de Especialização em Educação Infantil (PUC-Rio). E-mail: cristinacarvalho@puc-rio.br

\*\*\*Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE PUC-Rio). Bolsista Nota 10 da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro - FAPERJ. Brasil. Integrante do Grupo de Pesquisa em Educação, Museu, Cultura e Infância (GPEMCI-PUC-Rio)E-mail: memiliats@gmail.com

## ACOLHENDO UM PÚBLICO NOVO

A crescente demanda do público por iniciativas que contemplem a participação infantil nos diferentes espaços culturais e, logo, o recente desenvolvimento de programas em museus de arte que pretendem proporcionar experiências para os bebês em sua programação, provocam a necessidade de um estudo que busque compreender tais ações. Portanto, analisar as estratégias, os pressupostos acerca da primeira infância e da arte que norteiam tais propostas, assim como os potenciais benefícios dessa articulação, é fundamental para a identificação, o aprimoramento e a construção de possíveis caminhos na constituição de práticas significativas que considerem as especificidades dos bebês.

O aumento da presença do público de zero a três anos não apareceu enquanto fenômeno isolado, em uma instituição, como foi possível constatar a partir dos depoimentos expressos na publicação *online* do I Seminário Bebês no Museu (2014)<sup>1</sup>. A Área de Ação Educativa do Museu Lasar Segal, na cidade de São Paulo, relata como bastou o convite ser feito às famílias (e seus bebês) para que o museu recebesse um número considerável de visitas desse público, proporcionando novas experiências e olhares para todos. Ainda nessa publicação, Tatiana Levy (2014), do Museu Internacional de Arte Naïf do Brasil, localizado na cidade do Rio de Janeiro, relata como o programa *Naïf para Nenéns* vem crescendo em público a cada edição, fazendo com que a instituição ampliasse os horários de atendimento. As educadoras do Museu de Arte Moderna de São Paulo, Diana Tubenchalak e Mirela Estelles (2014), também relatam uma experiência pioneira em 2007 por ocasião do lançamento do livro *Baby Art* da artista Anna Marie Holm<sup>2</sup>. O evento, que proporcionou experiências inspiradas no livro, reuniu cerca de 2.400 pessoas entre famílias com seus bebês e profissionais.

A percepção de um desejo e procura intensa das famílias (principalmente das mulheres) com crianças entre zero e três anos por ações culturais que contemplassem esse segmento e por espaços de socialização com outras mães e famílias, caracterizou os relatos das diversas instituições. É notável que tal demanda parecesse invisibilizada no circuito cultural, uma vez que por muito tempo, e ainda hoje, o público dos bebês com seus acompanhantes é negligenciado nos espaços culturais.

Estudiosos da área apontam o quanto os grupos de primeira infância se apresentam como um desafio para os educadores dos espaços não formais, pois o modo como crianças pequenas se relacionam

com o espaço e com as obras subverte as estratégias pré-estabelecidas e padronizadas dos museus. O despreparo e a concepção de primeira infância dos monitores podem dificultar as experiências do público infantil com as instituições culturais e, muitas vezes, esse público é encarado como demasiadamente agitado, incapaz e até mesmo indesejável (CARVALHO, 2013). Por sua vez, Asensio e Pol (2006) alertam que os setores dos museus responsáveis pela gestão e pela curadoria de exposições, com raras exceções, não pensam o público infantil para além de encará-lo como um problema de segurança. Os autores espanhóis apontam como desafio a formação dos profissionais que trabalham com este público, bem como a escassa avaliação, que em geral se resume a relatórios quantitativos, das atividades desenvolvidas pelas instituições.

Em pesquisa realizada pelo Grupo de Pesquisa em Educação, Museu, Cultura e Infância (GPEMCI – PUC-RIO, 2015<sup>3</sup>) junto às instituições culturais da cidade do Rio de Janeiro, das 85 instituições que responderam ao questionário apenas 12 (dentre elas seis museus de arte) afirmaram possuir atividades voltadas para o público de 0 a 3 anos. Quando questionadas a respeito da frequência deste mesmo público em relação aos demais, apenas 8 instituições marcaram as alternativas “alta” ou “muito alta”, sendo que 31 espaços responderam que a frequência das crianças de 0 a 3 anos é “inexistente”. As opções “muito baixa” e “baixa” foram assinaladas por 34 instituições no total, e apenas 12 respondentes marcaram a alternativa “média”. Os dados levantados nessa pesquisa refletem e reforçam a realidade já indicada nos depoimentos dos profissionais participantes do Seminário destacado anteriormente, assim como de pesquisas sobre o público infantil nos museus.

## OS BEBÊS NO MUSEU: ALGUMAS EXPERIÊNCIAS-

Cabe ressaltar que as propostas do Museu Lasar Segall voltadas para bebês se concretizaram a partir da experiência da maternidade de uma de suas educadoras, Paula Selli. Desde 2012, esse e outros museus passaram a contemplar discussões acerca do acesso de diferentes públicos (entre eles a criança pequena), do protagonismo do público no espaço museal partindo de pesquisas e experiências dos profissionais de educação do Museu. Tal contexto de abertura para novos questionamentos e, no caso do Museu Lasar Segall, de busca por uma maior autonomia dos educadores, propiciou que os interesses da educadora Paula Selli fossem incorporados pela equipe e resultasse na elaboração

do projeto *Bebês no Museu* e de suas duas propostas de acolhimento dos bebês e suas famílias: *A Visita Canguru* e o *Museu: primeiros olhares*.

A *Visita Canguru* tem como ponto central proporcionar um ambiente acolhedor para mulheres com bebês, possibilitando às mães um contato estreito com seus filhos pelo uso de carregadores de tecido, os *slings*. A proposta foi construída levando em consideração o momento especial vivenciado nos primeiros meses da maternidade (AÇÃO EDUCATIVA, 2014). Após um acolhimento no jardim do museu, a visita se desdobra em dois momentos principais: primeiro, uma visita na exposição, buscando conhecer e conversar sobre as obras do artista Lasar Segall, além de partilhar uma experiência cultural, olhares e descobertas com seu bebê. O segundo momento se dá no ateliê com um convite às mães para pintarem com aquarela - uma experiência plástica e sensível. Conforme o relato das educadoras, o ateliê permite ainda uma maior interação entre as mulheres, configurando-se como lugar para trocas e questionamentos entre as mães. No relato a seguir, é possível observar a influência direta da vivência da maternidade pela integrante da equipe do museu, de seus longos períodos de isolamento da vida social e cultural, na construção da visita:

*Foram muito importantes para mim os grupos específicos (de amamentação, pós-parto, maternidade) e as atividades culturais (bem raras ainda) que levavam em consideração minha condição naquele momento e a presença incondicional de meu bebê. Eram oportunidades de estar ao mesmo tempo em um mundo protegido e de voltar ao mundo real. (...) Quando voltei a trabalhar, ainda com um pé de cada lado, percebi, com a distância de meu filho e das comunidades de mães às quais me acostumei a pertencer, a ausência de atividades para mães e bebês nos espaços museológicos de São Paulo. Assim, foi natural querer trazer mães e bebês para dentro do museu (SELLI apud AÇÃO EDUCATIVA, 2014, p. 18).*

A proposta *Museu: primeiros olhares* busca oferecer momentos de descobertas para bebês e pais (AÇÃO EDUCATIVA, 2014). Os pais são incentivados a interagir, provocar e explorar a exposição com os bebês, assim como os materiais e espaços do museu. Os educadores se inspiraram na artista e educadora Anna Marie Holm para elaborar um ambiente de descobertas sensoriais, plásticas, sonoras e gestuais que

envolvesse os bebês e, assim, *com e através* deles, envolvesse também os pais. Materiais como papéis, formas, tecidos, adereços e quebra-cabeças são dispostos pelas salas expositivas de maneira que as crianças possam encontrar as obras com o olhar e explorar com outros sentidos os objetos presentes naquele espaço. Há ainda o espaço do ateliê, onde

*materiais simples, como uma folha de papel celofane colorida, trazem conceitos de cor, transparência, som e textura. Tecidos e lãs brincam com a materialidade, espirais provocam o movimento e os flocos de espuma são como um convite às sensações* (AÇÃO EDUCATIVA, 2014, p. 22).

O fato da atividade acontecer tanto na galeria como no ateliê proporciona que os bebês experimentem os diferentes arranjos conceituais de cada espaço. Conforme destaca Ostetto (2011, p. 8), desde a mais tenra idade a composição dos ambientes é percebida e deve ser observada, pois “como qualquer outra linguagem, o espaço é um elemento constitutivo do pensamento e, portanto, converte-se em ação pedagógica indireta à qual requer atenção”. Logo, as imagens presentes no espaço não são apenas ingênua decoração, uma vez que permeiam o imaginário e estruturam concepções e valores daqueles que ali habitam e constroem seu aprendizado. A autora propõe também pensarmos os espaços dos museus como uma multiplicidade de cenários a serem descobertos e vivenciados pelas crianças e pelos educadores.

O programa *Naif para Nenéns* do Museu Internacional de Arte Naif, localizado no Rio de Janeiro, também recebe famílias e bebês no espaço expositivo. A visita é idealizada a partir de uma obra da coleção que serve como referência para a escolha de materiais com diferentes cores e texturas, objetos inusitados, além de inspirar uma narrativa permeada por cantorias. Próxima à obra escolhida, é colocado um acolchoado, onde são dispostos os materiais para exploração dos bebês em companhia e interação com seus pares e com os adultos. Segundo Levy (2014), a atividade é pensada levando em consideração que as crianças bem pequenas aprendem com o corpo e, portanto, é importante a existência de um ambiente que permita experimentações sensoriais.

O Museu Naif possui em seu acervo obras que podem ser tocadas e, quando possível, o quadro central da visita é abaixado, ampliando, assim, as possibilidades de relação com as obras pelos pequenos. No contexto da visita, as famílias também são convidadas a conhecer as

diversas galerias do Museu, apontar elementos nas telas e esculturas e perceber as diversas reações dos bebês no contato com as cores, formas e texturas das obras. Entendendo o Museu como espaço de formação cultural, de experiência estética e de interações, e também reconhecendo as crianças como sujeitos culturais, o *Naiif para Nenéns* tem como objetivo aproximar o público das famílias e seus bebês desse espaço e de suas potencialidades (LEVY, 2014).

Os objetivos apontados por Levy vão ao encontro da compreensão da chamada educação estética apresentada por Ostetto (2011) e por Rezende e Oliveira (2014). As autoras defendem que o contato com as diversas produções artísticas amplia o repertório infantil, contribuindo para processos expressivos e para a leitura do mundo (seus sentidos e significados) uma vez que aproxima as crianças de diferentes códigos estéticos. Por conseguinte, propicia-se o estabelecimento de novas relações entre elementos distintos desse repertório estético e conceitual. A arte reflete conflitos e questionamentos emergentes de uma sociedade e de uma época por meio das variadas linguagens constituindo-se, assim, como construção crítica de conhecimento (LEITE, 2014).

A arte e a brincadeira podem ser encaradas como lugares de mediação, onde desejos e demandas éticas distintas podem ser comparados (GIRARDELLO, 2011). A respeito desse olhar para o outro e sua importância para a formação da expressão e da identidade na primeira infância, pode-se trazer também a metáfora da escuta aportada por Rinaldi (2012, p. 209) que convida a pensar que

*a escuta é dar a si próprio e aos outros um tempo para ouvir. Por trás de cada ato de escuta, há um desejo, uma emoção, uma abertura às diferenças, a valores e pontos de vista distintos. [...] por trás de cada ato de escuta, restam a criatividade e a interpretação de ambas as partes.*

Elemento central no processo de conhecimento, a imaginação também está ligada às emoções. As vivências com a arte são poderosas aliadas na mobilização da imaginação. É interessante notar que o maravilhamento com os pequenos e imponderáveis acontecimentos da natureza, apontados por Girardello (2011) como convites à imaginação, é compartilhado por artistas que, por exemplo, em seu processo de criação voltam suas pesquisas para a natureza. Esse olhar atento que se permite tempo para ser curioso e se perguntar acerca dos infinitos

mundos possíveis é chave para ir além do real. O artista e os processos artísticos podem ser o companheiro mais experiente, com o adulto ou com a criança mais velha, contribuindo para complexificar os momentos de assombro infantil tão saudáveis para a imaginação. Por sua vez, Vigotski (2009) destaca que a capacidade humana de imaginar se ampara e é amparada pelas experiências vividas, assim como afeta e é afetada pelas emoções.

Além do *Naif para Nenéns*, o Museu oferece também o *Sarau cirandinha bebê e cia*<sup>4</sup>. Nesta proposta, músicos estabelecem um roteiro musical a partir da escolha de uma obra em exposição e também criam um ambiente com objetos e pequenos instrumentos musicais para serem experimentados. O repertório musical não se restringe a canções infantis, mas passeia pela música popular brasileira. Por conta dessa curadoria musical, os pais se engajam nas canções provocando ainda mais a interação dos bebês. O repertório mais amplo, que extrapole aos arranjos geralmente dedicados às atividades infantis, promove uma maior diversidade sonora, pois apresenta outros tipos de estruturas melódicas. A presença dos instrumentos, os movimentos que provocam nos músicos, as formas e diferentes sons que produzem encantam as crianças que, por vezes, se aproximam e tentam tocá-los.

Desde muito cedo, os bebês são sensíveis a composições estéticas e chegam a demonstrar preferências entre cores, formas e sons. Tais preferências parecem estar conectadas com as relações com outros seres humanos. Pesquisas recentes atestam que os bebês são capazes de discriminar ritmos, tons e melodias de sons vocais e também instrumentais (TREVARTHEN, 2011). A inclusão da música e de recursos sonoros nas propostas voltadas para essa faixa etária se mostram, portanto, não apenas pertinentes, mas como mais um fator estético permeado por relações afetivas entre seus participantes.

O Museu de Arte Moderna de São Paulo também oferece, em seu ateliê, uma proposta que envolve música – *Oficina de música e movimento para bebês* - e busca inserir o bebê num ambiente onde ele possa conhecer junto com os acompanhantes as diferentes qualidades sonoras dos instrumentos, integrando a audição com os outros sentidos (TUBENCHALAK; ESTELLES, 2014). O MAM-SP foi pioneiro no Brasil em trazer para o museu proposições para crianças de zero a três anos. Nas *Experimentações sensoriais para bebês*, após uma visita na exposição, em um espaço fora da galeria, os bebês são convidados a pintar em grandes superfícies (e porque não em seus corpos), construir

esculturas comestíveis, ou até mesmo brincar, sentir e explorar com um único material, como o jornal<sup>5</sup>. Percebe-se que há uma opção por manter o foco em um determinado tipo de material ou técnica a cada edição e que a organização do espaço, como numa espécie de grande ateliê aberto, proporciona uma experimentação mais intensa.

Em sua pesquisa sobre a relação dos bebês com o que denominou de “materiais potencializadores”, Mallmann (2015) aborda a conexão direta entre as experiências sensoriais e o aprendizado nessa faixa etária: um corpo que se relaciona com a arquitetura, com os objetos e com os materiais e suas inúmeras qualidades. Com o aporte teórico de Paola Zordan, a autora discute a criação realizada pelos bebês:

*Ao pensarem, os bebês são impulsionados a criar soluções para seus desejos e necessidades, o que faz com que se apropriem dos conhecimentos que vão emergindo nesse processo. Portanto, pode-se dizer que as ações “criações” dos bebês estão relacionadas às suas capacidades de pensar, conduzindo-os às aprendizagens. Tal processo torna o criar, segundo Zordan (2010, p. 1) “força inegável de toda a aprendizagem” (MALLMANN, 2015, p. 47).*

Compartilhando dessa reflexão, Rinaldi (2012) entende o processo de aprendizagem como um processo criativo e considera a criatividade como propulsora da inovação e da mudança ao tornar o indivíduo competente para criar novos nexos e conexões entre pensamentos e objetos. A autora toma como exemplo a brincadeira de uma criança de três anos com um fio: ela o transforma em pulseira, em seguida utiliza uma cadeira para, juntamente com o fio, criar um cavaleiro; por fim, a relação entre fio e cadeira se modifica e o fio vira a orelha de um cavalo, e conclui que:

*O pensamento divergente é do tipo que vimos nesse exemplo. É a combinação de elementos incomuns, que as crianças pequenas realizam com grande facilidade já que não possuem nenhum fundamento teórico particular ou nenhum relacionamento fixo (RINALDI, 2012, p. 214).*

Vigotski (2009, p. 22) compreende a imaginação como formação específica da mente humana que se apoia nas experiências sociais e con-



sidera que “a atividade criadora da imaginação depende diretamente da riqueza e da diversidade da experiência anterior da pessoa”. O autor percebe como fundamental a habilidade humana de combinar e reelaborar as experiências anteriores na medida que possibilita a criação do novo. Dessa forma, proporcionar experiências diversas para as crianças promove a imaginação e, logo, uma base sólida para sua atividade de criação.

A Casa Daros<sup>6</sup>, na cidade do Rio de Janeiro, também realizava seus *Encontros para bebês* fora do espaço expositivo. O espaço do Ate-liê era totalmente transformado para receber as crianças e seus acompanhantes. Pequenos nichos eram montados para provocar diferentes possibilidades de investigação com a luz, cores, texturas, sons, cheiros e formas. As situações estéticas e físicas eram propiciadas pela combinação de equipamentos e materiais que geravam, a partir da ação dos participantes, diferentes acontecimentos e revelavam distintas qualidades de um ou mais materiais.

Os ambientes também eram criados a partir de elementos identificados no processo de pesquisa e nas obras de artistas contemporâneos, como investigações com luz, cor, gravidade e cheiros. A intenção era proporcionar um espaço de livre experimentação e descoberta para os bebês e que também incentivasse outras interações entre os bebês e seus pares, assim como entre eles e os adultos. Os materiais utilizados na construção de objetos e ferramentas igualmente despertavam o interesse dos acompanhantes que percebiam que materiais do cotidiano ou destinados a outros usos podem ser tão ou até mais interessantes para os bebês do que os brinquedos industrializados.

Rinaldi (2012) ressalta o ambiente como um terceiro educador que não apenas abriga o aprendizado, mas contribui para que este aconteça. Para além do papel no desenvolvimento do senso estético, o espaço necessita instigar, propor desafios e situações de pesquisa. A educadora italiana fala do espaço como ativador de relações e salienta que os ambientes dedicados às crianças, principalmente até os três anos, necessitam de especial atenção. Organizar o espaço de maneira a criar pequenos ambientes de intimidade, como em nichos; pensar os materiais usados nas diferentes superfícies; estar consciente dos aspectos que tangem a percepção (luz e cor, som, cheiros e toque) configuram-se como atitudes éticas com intenção de colaborar no desenvolvimento afetivo, perceptivo e cognitivo dos bebês.

A criança investiga, se debruça sobre diferentes problemas e cria hipóteses, e o fazer artístico se apresenta como processo de inves-

tigação: a criança desafiada testa, reelabora e percebe que, por exemplo, um problema pode ter múltiplas respostas (HOLM, 2005). Assim, se consideramos que os processos artísticos demandam sensibilidade, comunicação, observação, interpretação e pensamento criativo (habilidades e aprendizagens necessárias para o desenvolvimento do potencial da criança) compreende-se a afirmação de Vigotski (2009, p. 100): “Não se deve esquecer que a lei principal da criação infantil consiste em ver seu valor não no resultado, não no produto da criação, mas no processo”.

O Instituto Tomie Othake que exhibe exposições de arte moderna e contemporânea, localizado na cidade de São Paulo, iniciou seu trabalho com bebês em 2016: o *No Colo*. Uma particularidade dessa experiência é a sua inserção em um projeto de inclusão de novos públicos no Instituto, em especial pessoas com deficiência: o *Manhã de Histórias*. O programa *No Colo* busca incluir o público de crianças até 18 meses e seus acompanhantes nas atividades culturais da instituição.

As atividades<sup>7</sup> acontecem em dois momentos: um na exposição e outro em uma área de experimentação fora da galeria. Na galeria, os participantes são incentivados a observar as obras com os bebês no colo, de modo a possibilitar que eles vejam melhor quadros e outras obras. Espalhados pelo espaço expositivo, encontram-se materiais e objetos que podem ser manuseados pelas crianças. Filtros coloridos, tecidos e objetos são selecionados a partir dos conteúdos, imagens, texturas e outros elementos estéticos das obras. Tais instigações sensoriais estimulam e potencializam trocas entre crianças, adultos e obras. O segundo momento se dá em um espaço pensado para exploração mais intensa, que pode ser uma pintura com pigmentos naturais, um espaço de experimentação com texturas, ou ainda, garrafas sensoriais feitas pelos pais dos bebês e outros materiais escolhidos a partir de elementos da exposição. Geralmente a música se faz presente nos dois momentos. Músicos acompanham e também guiam o público pelos diferentes espaços onde a atividade acontece. Os instrumentos utilizados variam de acordo com o “clima” da exposição como, por exemplo, um violino, um acordeom, entre outros

Vea Vecchi (2010) aponta que o fazer artístico, assim como a construção do conhecimento, é um intenso processo de investigação que envolve análise, síntese, avaliação e criação de hipóteses. Por meio da arte e da dimensão estética, a criatividade e a imaginação são fomentadas. Nesse exercício são propiciadas diferentes associações entre

conceitos e áreas do conhecimento, além de engajar um olhar atento, consciente e sensível para o mundo. A autora provoca, ademais, uma reflexão da arte, das linguagens poéticas em suas diversas manifestações (dança, música, desenho, fotografia, dentre tantas outras) e da estética, como lugares de construção de conhecimento, como processos articuladores de ideias.

*Se a estética promove a sensibilidade e a capacidade de conectar as coisas muito distantes uma das outras, e se o aprendizado ocorre através de novas ligações entre elementos díspares, então a estética pode ser considerada um importante ativador para a aprendizagem (VECCHI, 2010, p. 9, tradução nossa.*

## DA ÉTICA À ESTÉTICA

A opção, em algumas propostas, por delimitar o espaço das atividades aos ambientes fora da exposição provoca a necessidade de problematizar tal escolha. Asensio e Pol (2006) alertam que o receio de propor atividades nas galerias de exposição decorre da dificuldade (principalmente dos setores administrativos e de conservação) em compreender esses espaços para além de suas possibilidades contemplativas. Essa mentalidade tradicional ainda encara como um problema de segurança e conservação o desenvolvimento de atividades nas galerias. Além disso, cabe destacar que o fato de acolher os bebês e seus acompanhantes em espaços especialmente designados para esses grupos pode reforçar a ideia de que as salas expositivas não são lugares apropriados para crianças pequenas, ou ainda, que esse não é um público capaz de usufruir das obras de arte. Mesmo que as instituições em questão ofereçam outras atividades para o público de zero a três anos que passam por encontros na galeria, é necessário estar sempre atento e buscar novas estratégias para consolidar a compreensão de que esse público tem o direito e se beneficia do contato direto com a arte e com as relações de troca que se estabelecem nas galerias.

É possível perceber que o uso de elementos sensoriais que extrapolam a exploração visual das obras de arte é uma estratégia que perpassa as diversas atividades aqui selecionadas, uma vez que levam em consideração os modos de exploração do público infantil. Entretanto, se faz necessário refletir a respeito de quais aspectos perpassam as escolhas dos materiais e técnicas disponibilizados e propostos nas ações

educativas voltadas para as crianças de zero a três anos. Será que de fato parte-se do pressuposto de que as obras de arte e as linguagens artísticas podem trazer para a experiência educativa novas formas de ver e encarar os diversos problemas, de que a dimensão estética envolve uma atitude de cuidado e empatia nos processos de investigação e descoberta daquilo que nos cerca (VECCHI, 2010)?

A escolha dos materiais é ética e estética. Se o proposto é fazer o ambiente do museu de arte um espaço de aprendizagem e descobertas significativas é natural que os elementos sensoriais eleitos para compor as atividades sejam inspirações que partem das obras de arte, do campo simbólico, de suas qualidades estéticas ou dos processos criativos dos artistas. Vea Vecchi (2010) convida os educadores a buscarem inspirações nas sugestões que os artistas dão em seus trabalhos, tais como: a qualidade e a transformação da luz durante o dia; as possibilidades expressivas da cor em suas diversas tonalidades; as metáforas na arte conceitual; a maneira como um assunto assume diversas facetas através de múltiplos pontos de vista; o gesto, o tempo e o ritmo presentes nas artes performáticas ou em vídeo, entre tantos outros.

Da mesma forma que os materiais, as narrativas e as canções que compõem as proposições podem ser elaboradas de maneira a se beneficiar de aspectos presentes nas obras para além de suas características formais ou figurativas, proporcionando assim, novas possibilidades expressivas e sensoriais. Nesse sentido, é necessário que os educadores se questionem sobre as novas relações que podem ser estabelecidas e as distintas qualidades estéticas e sensíveis que cada material e linguagem pode oferecer. Deste modo, uma flor pintada em um quadro pode estar presente nas estratégias através da expressividade de sua cor, pela metáfora que evoca através de um poema, por um cheiro, por uma sonoridade ou ainda por uma qualidade luminosa no ambiente sugerida na atmosfera da pintura. Tais desdobramentos passam pela interpretação daqueles que planejam as ações e potencializam as relações e descobertas dos bebês. Quando, por exemplo, apenas flores de plástico são escolhidas para representar àquela da obra, as possibilidades são reduzidas à uma forma e a uma textura, possivelmente distantes daquelas que o quadro suscita, além de ser um material demasiadamente estruturado.

Desenvolver as propostas que serão realizadas com o público de crianças de zero a três anos envolve ser sensível às capacidades e especificidades infantis. A Sociologia da Infância colabora e embasa o entendimento da criança como um ser complexo que se encontra na

cultura (ou nas culturas articuladas das crianças e dos adultos) e que produz cultura (CORSARO, 1992). A criança é respeitada como sujeito histórico, social e cultural, compreendendo a importância de suas relações com outras crianças, com os adultos e com a comunidade a que pertence, uma vez que “as culturas infantis não nascem no universo simbólico exclusivo da infância; este universo não é fechado, pelo contrário, é extremamente permeável, nem lhes é alheio a flexibilidade social global” (PINTO; SARMENTO, 1997, p. 22). Já no primeiro ano de vida as crianças empenham seus interesses e engajam suas emoções com os propósitos e as emoções de outras pessoas. Segundo Trevarthen (2011), os bebês participam avidamente da cultura de pares de modo criativo e responde intensamente ao ambiente que a cerca.

Estar atento às relações que envolvem o desenvolvimento e, logo, às trocas sensoriais e afetivas dos bebês, pode ser bastante elucidativo e rico para os adultos que pretendem compartilhar das descobertas das crianças bem pequenas (TREVARTHEN, 2011). A criança é sujeito desafiador, dinamiza e provoca mudanças nos ambientes nos quais transita e é sensível à linguagem desses espaços (RINALDI, 2012). Acolher esse público de forma consciente e planejada provoca a elaboração de novas dinâmicas que podem potencializar as qualidades educativas de um espaço, como por exemplo, o museu de arte. Pensando os espaços museais, Moura (2014, p. 106-7) ressalta:

*Dessa forma, os museus parecem se configurar como possíveis cenários de socialização do patrimônio cultural e artístico e como espaços de debate, onde a dimensão criativa e produtiva pode ser incorporada, substituindo a dimensão reprodutiva, na qual apenas o que já foi produzido e legitimado é comunicado.*

A motivação de aprendizado não está apenas ligada ao desejo de conquistar uma habilidade para si. O aprendizado está constantemente perpassado pelo interesse do bebê em estabelecer trocas que ganham significado através da apresentação do outro, por participarem de uma comunicação, por serem compartilhadas. De acordo com Trevarthen (2011), os bebês, desde muito cedo, buscam aprender novas formas de expressar e compartilhar experiências.

Nessa perspectiva, as interações e os vínculos sugeridos nas propostas também são aspectos importantes implicados na escolha de estratégias, dos materiais e de equipamentos. O recurso escolhido por

algumas instituições de dispor elementos no espaço expositivo pode ser um ativador de relações entre bebê/ obra, bebê/ bebês e bebê/ adultos. Um filtro colorido ou um tecido, por exemplo, podem possibilitar outras maneiras de olhar uma obra e o outro ou, ainda, convidar a uma brincadeira de esconder. Nos ambientes que evocam o espaço investigativo do ateliê, equipamentos como lanternas, ventiladores e retroprojetores podem complexificar as explorações com um determinado material além de provocar transformações no espaço que afetam todo o ambiente e, logo, produzem novas relações a serem percebidas também pelos outros sujeitos (bebês e adultos) ali envolvidos. As diferentes técnicas artísticas, os materiais e os equipamentos podem ser selecionados e combinados de maneira a extrapolar a si mesmos, ou seja, de maneira que, em conjunto, proporcionem processos e relações intensas, que podem fazer presentes expressão, cognição e emoção (VECCHI, 2010).

Tendo em mente as contribuições dos diversos autores, é possível pensar a presença dos bebês (e suas especificidades) como uma oportunidade para as diversas instâncias do museu (curadoria, preservação, administração e, principalmente, equipe de educação) de olhar para o espaço da galeria, para o acervo e para arquitetura sob uma nova ótica. Propostas e possibilidades de estar no museu desenvolvidas para os grupos de crianças de zero a três anos ampliam o repertório educativo e podem inspirar atividades voltadas para outros públicos. Além disso, os próprios visitantes podem compreender o espaço museal de outra forma ao terem contato com novos públicos, como os bebês e seus cuidadores.

As reflexões aqui tecidas a partir da seleção de algumas propostas de museus de arte brasileiros voltadas às crianças de zero a três anos pretenderam abordar as conexões que podem ser estabelecidas entre a arte, os processos artísticos e o desenvolvimento das crianças. Almejou-se sinalizar a importância da arte como acesso ao universo simbólico da cultura; destacar a relevância do museu como um espaço onde a interação entre adultos, crianças e obras de arte incentiva a construção de relações e que, portanto, se mostra como lugar significativo para o desenvolvimento infantil e deve acolher e pensar seus espaços e propostas tendo em mente esse público. Por fim, buscou-se, neste artigo, identificar caminhos que podem servir de estímulo para a extensão do acolhimento do público de zero a três anos nas instituições culturais.

## BABIES AND ART MUSEUMS: WELCOMING DISCOVERIES

*Abstract: the offer of educational actions focused on babies in museums causes the need for studies that seek to understand such actions, contributing to the constitution of significant practices. From these activities the article presents a reflection on the relationship between art and early childhood. The text was guided by theorists who value the cultural aspect in children's development, especially by Rinaldi and Vecchi. Institutional documents were used, such as photographic records and articles, as well as observations of some activities. It sought to identify ways that can stimulate the extension of the reception to the public from zero to three years in cultural institutions.*

**Keywords:** *Art. Museum Education. Babies.*

### Notas

- 1 O I Seminário Bebês no Museu foi realizado pelo Museu Lasar Segall em parceria com a Casa das Rosas, em São Paulo em 2014.
- 2 Artista e educadora dinamarquesa, Anna Marie Holm é conhecida por seu trabalho com bebês. No Brasil, teve três livros publicados: *Eco-Arte com Crianças* (2015), *Baby Art* (2007) e *Fazer e Pensar Arte* (2005).
- 3 Pesquisa Ações Educativas em Museus e Centros Culturais-RJ, sob a coordenação da Prof. Cristina Carvalho.
- 4 Disponível em: <<http://www.museunaif.com/para-familia/sarau-cirandinhas-bebe-e-cia/>>. Informações recolhidas também em observação realizada no contexto de pesquisa de mestrado.
- 5 Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=IxLunlySrcc>>.
- 6 A Casa Daros, museu de arte contemporânea latino-americana, teve suas atividades encerradas em dezembro de 2015 com o fechamento definitivo da instituição.
- 7 Informações recolhidas também em observação realizada no contexto de pesquisa de mestrado.

### Referências

- AÇÃO EDUCATIVA. Museu Lasar Segall. Bebês no museu? No Segall sim. In: I SEMINÁRIO MUSEUS E BEBÊS. 2014, São Paulo. *Anais: Experiências*. São Paulo, 2014. p.17-26.
- ASENSIO, Mikel; POL, Elena. La historia interminable: una vision crítica sobre la gestión de audiencias infantiles en los museos. *Dossier el Museo y los Niños Reflexiones*. MUS-A. n. 6, p.11-19, 2006.
- CARVALHO, Cristina. Criança menorzinha... ninguém merece! – políticas de infância em espaços culturais. In: KRAMER, Sonia; ROCHA, Eloísa Candal (Ed). *Educação infantil: enfoques em diálogo*. 2. Ed. São Paulo: Papirus, 2013. p. 295-312.

- CORSARO, William. Interpretive Reproduction in Childrens Peer Cultures. *Social Psychology Quarterly*, v. 55, n. 2, p. 160-177, 1992.
- GIRARDELLO, Gilka. Imaginação: arte e ciência na infância. *Pro-Posições* [online]. v. 22, n. 2, p. 72-92, 2011.
- HENDERSON, T.; ATENCIO, D. Integration of Play, Learning, and Experience: What Museums Afford Young Visitors. *Early Childhood Education Journal*, v. 35, p. 245-251, 2007.
- HOLM, Anna. M. *Fazer e Pensar Arte*. São Paulo: Museu de Arte Moderna de São Paulo, 2005.
- LEITE, Maria Isabel. Museu e criança pequena, relação possível e desejada. In: I SEMINÁRIO MUSEUS E BEBÊS. 2014, São Paulo. *Anais: Experiências*. São Paulo, 2014, p. 09-16.
- LEVY, T.; CONSORT, R.; DUPRÉ, R. Museus, bebês e crianças pequenas – a experiência do MIAN. In: I SEMINÁRIO MUSEUS E BEBÊS. 2014, São Paulo. *Anais: Experiências*. São Paulo, 2014. p.35-40.
- MALLMANN, Elisete. *Materiais Potencializadores e os Bebês-Potência: possibilidades de experiências sensoriais e sensíveis no contexto de um* berçário.168f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.
- MOURA, Maria Teresa. Arte e infância: interações de crianças, adultos e obras de arte em um museu. In: KRAMER, Sonia; ROCHA, Eloísa Candal (Ed). *Educação infantil: enfoques em diálogo*. 3. Ed. São Paulo: Papyrus, p. 103-120, 2014.
- OSTETTO, Luciana E. Educação infantil e arte: sentidos e práticas possíveis. Caderno de Formação: formação de professores educação infantil princípios e fundamentos. *Acervo digital Unesp*, v. 3, p. 27-39, 2011. Disponível em: <<http://www.acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/320/1/01d14t01.pdf&gt;>>. Acesso em: 27 set. 2015.
- PINTO, Manuel; SARMENTO, Manuel J. As crianças e a infância: definindo conceitos, delimitando o campo. In: PINTO, Manuel; SARMENTO, Manuel Jacinto. (Ed). *As crianças - contextos e identidades*. Portugal, Centro de estudos da criança: Editora Bezerra, 1997. p. 7-30.
- REZENDE, Paula Cristina Medeiros; OLIVEIRA, Tamara Rossi de. Parangolé: arte, infância e educação. *Pro-Posições*, v. 25, n. 2 (74), p. 255-271, 2014.
- RINALDI, Carla. *Diálogos com Reggio Emilia: escutar, investigar e aprender*. São Paulo: Paz e Terra, 2012.
- TREVARTHEN, Colwyn What young children give to their learning, making education work to sustain a community and its culture. *European Early Childhood Education Research Journal*, v.19, n. 2, p.173-193, 2011.
- TUBENCHALAK, D.; ESTELLES, M. Os bebês no Museu de Arte Moderna de São aulo. In: I SEMINÁRIO MUSEUS E BEBÊS, São Paulo. *Anais: experiências*. São Paulo, p.63-68, 2014.
- VECCHI, Vea. *Art and Creativity in Reggio Emilia: Exploring the role and the potential of ateliers in early chidlhood education*. Oxon: Routledge, 2010.
- VIGOTSKI, Lev S. *Imaginação e criação na infância: ensaio psicológico*. São Paulo: Ática, 2009.